

POLÍTICA ECONÔMICA

Empresário propõe projeto nacional

Brasil perdeu a imagem de país com grande potencial, diz Teixeira da Costa

O empresário Roberto Teixeira da Costa, presidente da Brasilpar, empresa especializada em consultoria financeira e de investimentos, propõe um projeto nacional coordenado pelo governo e sustentado por acordos no Congresso como forma de encaminhar a solução dos problemas estruturais da economia brasileira e recolocar o País como uma força emergente na economia mundial.

Teixeira da Costa, ex-presidente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e um dos mais respeitados especialistas na área de investimentos, voltou recentemente de Tóquio, onde fez conferência num seminário sobre os países asiáticos. Como representante brasileiro, o empresário sentiu a marginalização do País do cenário econômico. "Perdemos a imagem de nação com grande potencial de crescimento, conquistada nos anos 70", afirma Teixeira da Costa. "Hoje somos Terceiro Mundo."

CURTO-PRAZISMO

Há necessidade, segundo o empresário, de um projeto nacional no qual a sociedade diga que país deseja e sob quais condições — quer, por exemplo, viver com inflação alta ou não. O governo, observa, não pode mais correr atrás ape-

nas de resultados conjunturais mesmo quando segue uma política de mudança estrutural. "É preciso acabar com o curto-prazismo brasileiro", diz Teixeira da Costa. No projeto brasileiro, o governo teria de indicar metas de longo prazo para a sociedade e não tomar medidas de impacto para obter retorno rápido.

O presidente Fernando Collor, na opinião de Teixeira da Costa, subestimou as dificuldades e superestimou sua capacidade de fazer mudanças. Os problemas surgidos com a crise do Golfo Pérsico expuseram, porém, o "equilíbrio precário" da economia brasileira. O Plano Collor, decretado em março, lembra o empresário, causou inicialmente um torpor nos agentes econômicos. A partir de maio, depois de liberações de cruzados novos bloqueados, a economia voltou a funcionar como se tudo tivesse voltado à normalidade. "As pessoas acharam que os problemas do País estavam resolvidos", explica Teixeira da Costa. "Houve um prematuro desarmamento de espíritos e os críticos do Plano passaram até a apoá-lo."

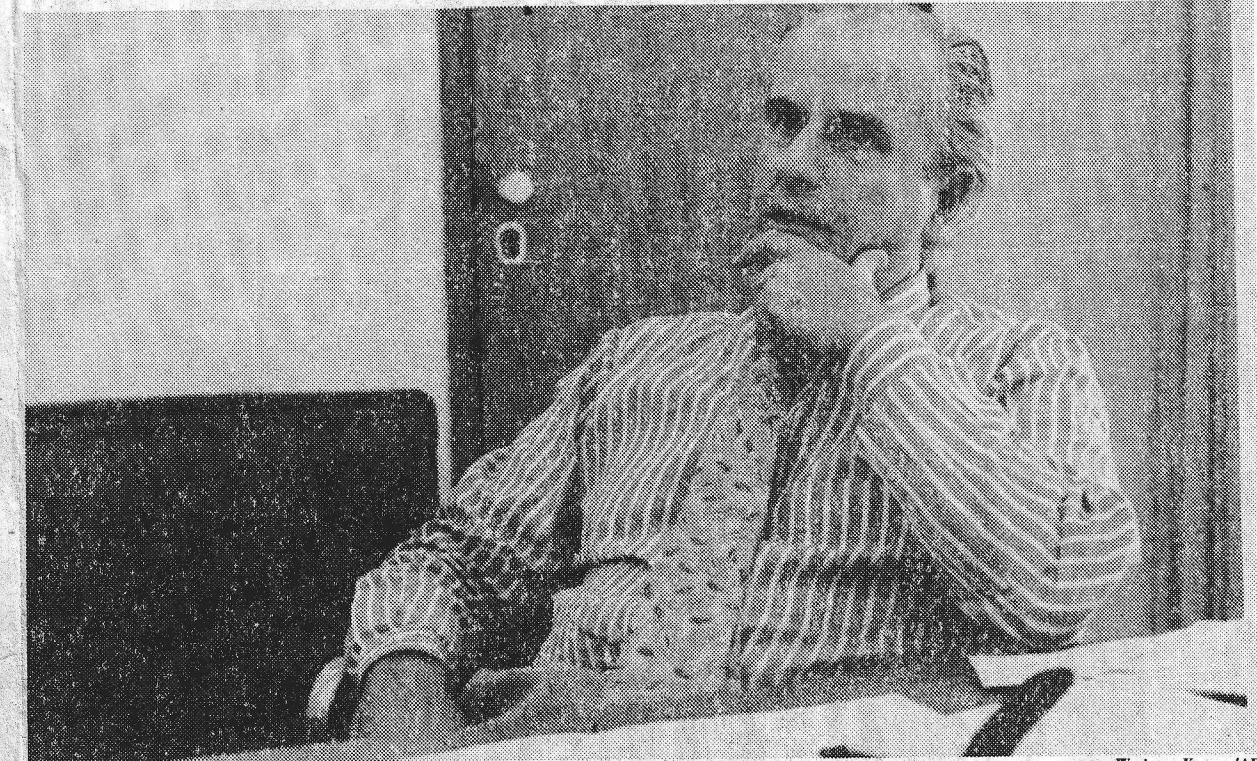
A crise do Golfo levou a um aumento no preço do petróleo, foi apontada como um dos fatores de retomada da inflação, mas deixou evidente, acima de tudo, a necessidade de um ajuste mais profundo. "Outros países puderam repassar aos preços, rapidamente, a alta internacional do petróleo", explica o empresário. Nesses países, foi possível baixar os preços dos combus-

tíveis quando o custo internacional do barril do petróleo recuou, depois de um abrandamento da crise. Aqui, o governo teve de esperar porque, se houvesse uma diminuição no preço internacional, como de fato ocorreu, seria difícil obter um recuo equivalente. A inflação teria subido ainda mais.

SEM FÉ

A fragilidade da economia, visível quando um fator conjuntural externo é capaz de desestruturar um programa, tem de ser corrigida no projeto nacional, com propostas consistentes. "O desenvolvimento tecnológico tirou dos países detentores de matérias-primas e recursos naturais, como o Brasil, a vantagem sobre os outros", diz Teixeira da Costa. "Outros países tiveram programas para garantir um forte apoio ao desenvolvimento." No Brasil, porém, o governo determinou a "abertura dos portos" para estimular a competitividade, mas não deu instrumentos para o empresariado investir.

O País, diz o empresário, perdeu a fé e as pessoas passaram a achar que os problemas são insuperáveis. Apesar disso, é possível vencer os desafios. "Perdemos dez anos, mas ainda temos chance", diz Teixeira da Costa. O empresário cita Winston Churchill para propor a melhor forma de enfrentar os obstáculos: "Não falemos em dias mais negros. Vamos falar, mais propriamente, em dias mais severos, os melhores dias que nosso país já viveu."



"Hoje somos Terceiro Mundo, perdemos dez anos, mas ainda temos chance. Não falemos em dias mais negros"

Weriton Kernes/AE